

# O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: METODOLOGIA SOCIOINTERACIONAL

## English Language Teaching to Elementary School Children: Social-Interaction Methodology

Regina BARUKI-FONSECA\*  
Jéssica Arruda de SOUZA\*\*

**Resumo:** O artigo apresenta estratégias de ensino de língua inglesa com a adoção da metodologia sociointeracional. Como embasamento teórico, são consideradas as proposições de Mikhail Bakhtin e Lev Semenovitch Vygotsky, assim como textos de autores que se dedicaram ao seu estudo. O objetivo geral é evidenciar opções a professores que pretendem se especializar no ensino infantil, levando em conta a importância da subjetividade e do brincar para a criança no ambiente escolar. São analisados planos de aula elaborados por acadêmicos do *Campus* do Pantanal, UFMS, na disciplina Prática de Ensino de Língua Inglesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

**Palavras-chave:** Metodologia Sociointeracional, Língua Inglesa, Ensino Fundamental I.

**Abstract:** The paper presents English language teaching strategies based on social-interaction methodologies. The theoretical bases are Mikhail Bakhtin's and Lev Semenovitch Vygotsky's ideas, as well as some authors who have studied them. The general aim of the study is to provide ideas for teachers who intend to specialise in child education, considering the importance of subjectivity and games in the school environment. We analyse lesson plans prepared by students from *Campus do Pantanal*, Federal University of

## Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo apresentar estratégias de ensino sociointeracionais para o ensino de Língua Inglesa (LI) para crianças do Ensino Fundamental I. Iniciamos a pesquisa com o histórico do ensino da LI no Brasil e a sua importância como atividade interacional.

Investigamos os métodos sociointeracionais utilizados por alunos da disciplina "Prática de Ensino de Língua Inglesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental", do curso de Letras habilitação em português e inglês do *Campus* do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Nessa disciplina, os alunos produzem portfólios com planos de aula, que têm o papel mais importante do nosso trabalho.

\* Professora do Curso Licenciatura em Letras, Habilitação Português-Inglês, *Campus* do Pantanal, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestre em Língua Inglesa, UFRJ e Doutora em Educação, UFMS. Email regina.baruki@ufms.br

\*\* Licenciada em Letras - habilitação Português/inglês, jess\_souza\_@live.com

Mato Grosso do Sul, based on the learning they acquired during the subject Teaching English to Children.

**Keywords:** Social-interaction methodology, English Language, Elementary school.

O objetivo geral é mostrar como os professores de língua inglesa em formação estão se adaptando à nova realidade, que é ensinar crianças. Discutimos as propostas de ensino desses professores em formação e analisamos as estratégias adotadas para a elaboração das aulas.

A principal proposta do trabalho é mostrar os recursos que os professores de LI podem adotar em sala de aula, transformando esse ambiente num “mar” de cultura e de aprendizado, focado na interação, na diversidade e também na ludicidade.

Para a pesquisa, dedicamo-nos à leitura de artigos recentemente publicados em revistas eletrônicas que abordam o tema e também de teses e dissertações de mestres e doutores em Linguística Aplicada. Inspiramo-nos na literatura de Vygotsky (1984) e Bakhtin (1979) e no trabalho do neurocientista Lenneberg (1969). Os documentos utilizados são portfólios de acadêmicos do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus do Pantanal*, disponibilizados pela professora responsável pela disciplina “Prática de Ensino de Língua Inglesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental”.

## O ensino da língua estrangeira no Brasil

O ensino da Língua Estrangeira (LE) no Brasil vem sendo discutido há muito tempo. Cada nova reforma na

educação e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) traz uma finalidade diferente para o ensino da LE na Educação Básica.

No período colonial, com a catequização dos índios, os jesuítas prezavam por um ensino com ênfase nas línguas clássicas, como o grego e o latim. A partir de 1808, com a vinda da família Real Portuguesa, as línguas modernas (inglês, francês, alemão e espanhol) conquistaram espaço. O Brasil ganhou muito com a vinda da família Real. Bibliotecas, universidades, teatros e escolas foram abertos, além da primeira tipografia brasileira. Com a reforma de 1855, as línguas modernas adquiriram o mesmo prestígio das línguas clássicas no currículo escolar.

Segundo Leffa (1999), durante a época do Império, o ensino de línguas era falho, pois focava apenas na gramática e na tradução:

O ensino das línguas modernas durante o império parecia sofrer de dois graves problemas: falta de metodologia adequada e sérios problemas de administração. A metodologia para o ensino das chamadas línguas vivas era a mesma das línguas mortas: tradução de textos e análise gramatical. (LEFFA 2008, p. 16)

Foi ainda durante o Império que caiu todo o prestígio que as línguas haviam alcançado:

Ainda que não se tenha estatísticas exatas sobre aspectos importantes do ensino de línguas desse período, muitos deles dependentes de decisões locais tomadas pelas congregações das escolas, tais como a carga horária semanal de cada língua ensinada, o que se tem, através de leis, decretos e portarias, mostra uma queda gradual no prestígio das línguas estrangeiras na escola. Somando os anos de estudo prescritos para cada língua, o número de línguas ensinadas e estimando uma carga horária semanal de 2 a 3 horas (LEFFA, 2008, p. 17).

Durante a República, o ensino de língua estrangeira teve ainda menos prestígio. Além da carga horária das disciplinas diminuírem, a presença era facultativa, o que tornava o ensino de língua uma disciplina optativa.

A primeira reforma educacional ocorreu em 1931 e recebeu o nome de Reforma Francisco Campos. Feita durante o regime militar de Getúlio Vargas, a reforma trazia o Conselho Nacional de Educação e a organização do ensino secundário e comercial, que visava não apenas a preparar o aluno para as universidades, como também a formá-lo cidadão. No que cabe ao ensino de línguas, as frequências tornaram-se obrigatórias e a metodologia focada no ensino da língua a partir da própria língua foi valorizada, assim como o ensino das línguas modernas, como relata Leffa:

Em termos de conteúdo, foi dada mais ênfase às línguas modernas, não por um acréscimo em sua carga horária, mas pela diminuição da carga horária do latim. A grande mudança, porém, foi em termos de metodologia. Pela primeira vez introduzia-se oficialmente no Brasil o que tinha sido feito na França em 1901: instruções metodológicas para

o uso do método direto, ou seja, o ensino da língua através da própria língua. (LEFFA 2008, p. 20):

Em 1942, o então ministro da Educação Gustavo Capanema criou as Leis Orgânicas do Ensino, que ficaram conhecidas como a Reforma Capanema. Essa reforma propunha mudanças no ensino, com o propósito de um ensino prático, preocupado com a formação instrumental,

[...] embora deixando claro que o ensino de línguas deve ser orientado não só para objetivos instrumentais (compreender, falar, ler e escrever) mas também para objetivos educativos (“contribuir para a formação da mentalidade, desenvolvendo hábitos de observação e reflexão”) e culturais (“conhecimento da civilização estrangeira” e “capacidade de compreender tradições e ideais de outros povos, inculcando [no aluno] noções da própria unidade do espírito humano”). (LEFFA, 2008, p. 23)

A primeira LDB, publicada em 20 de dezembro de 1961, pelo Presidente João Goulart, simplesmente ignorou o ensino de LE, o que causou grande retrocesso no ensino de línguas na educação brasileira. Apenas dez anos mais tarde, a LDB/1971 trouxe uma perspectiva maior para o ensino de LE e, ainda assim, visando a uma formação profissionalizante. Com o objetivo de profissionalizar o aluno, as aulas de LE ganharam pouca relevância. Algumas escolas passaram a oferecê-lo somente no Segundo Grau, hoje conhecido como Ensino Médio e em pouquíssimas horas semanais, geralmente apenas uma h/a. O capítulo I da LDB/1971 insere o seguinte parágrafo:

§ 2º - Em qualquer grau, poderão organizar-se classes que reúnam alunos de diferentes séries e de equivalentes níveis de adiantamento, para o ensino de línguas estrangeiras e de outras disciplinas, áreas de estudo e atividades em que tal solução se aconselhe. (BRASIL, 1971)

Ou seja, além de não ter caráter obrigatório, o ensino de LE não era regularizado. Podia ser ofertado como disciplina optativa a alunos de diferentes séries, com idades diferentes.

Apenas em 1996, com a LDB em vigor atualmente, o ensino de LE passou a ser regularmente ofertado a partir do sexto ano do Ensino Fundamental, dando-se preferência à língua inglesa:

§ 5º No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017) (BRASIL, 1996)

Seguindo a proposta nacional, o ensino de LE é oferecido apenas a partir do sexto ano do ensino fundamental. Os estados e municípios têm liberdade para adotarem a grade seguindo a LDB, ou formularem a sua própria grade, como é o caso de Corumbá-MS, que adota o ensino de LE a partir do primeiro ano do Ensino Fundamental. É com base nessa grade que nosso trabalho é formulado.

## O ensino de língua inglesa nos anos iniciais do ensino fundamental em Corumbá-MS

A cidade de Corumbá é um dos maiores municípios em extensão do país. Localizada no Pantanal, a cidade abriga uma das mais belas e exuberantes paisagens naturais do mundo. Dentre seus 109 294 habitantes, há bolivianos, devido à fronteira com a Bolívia. Por essa razão, a predominância do ensino de espanhol é maior que a do ensino de inglês nas escolas municipais. Das 22 escolas da rede municipal, sendo 16 urbanas e 6 rurais, 9 adotaram o inglês e 13 adotaram o ensino de Língua Espanhola no Ensino Fundamental I. Ainda não há Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Inglesa para o Ensino Fundamental I, e a teoria que trata do ensino de LE para crianças ainda é escassa.

Os trabalhos que selecionamos para a análise foram elaborados por acadêmicos do curso de Letras habilitação em Português e Inglês do *Campus* do Pantanal, da UFMS, com base na grade curricular municipal. Os planos foram pensados a partir do conhecimento adquirido nas aulas de Prática de Ensino durante todo o curso de Letras. As atividades construídas com base na metodologia sociointeracionista constituem o foco do nosso trabalho.

Como dito, ainda não há Parâmetros que regularizem o ensino de Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I. Por esse motivo a Secretaria Municipal de Educação organizou a grade curricular que os professores devem seguir, como explicita Simões:

Neste ano de 2017, o prefeito de Corumbá assinou um contrato com uma empresa para disponibilizar apostilas para as escolas que trabalham o inglês na educação infantil na Rede Municipal de Ensino (REME). Somente a partir de 2018 essas apostilas serão distribuídas para o EF I e II. Por enquanto, o material usado é o disponibilizado pelo Governo Federal, através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). No início do ano, os professores foram capacitados com os profissionais que montaram esse material para trabalhar em sala de aula e dar o suporte pedagógico para as crianças a partir da apostila que será entregue em breve para a educação infantil, além das formações continuadas que ocorrem durante o ano e cursos específicos para cada área que a Secretaria promove para os professores da rede municipal. (SIMÕES, 2017, p.13)

A grade municipal é uma proposta da Secretaria Municipal de Educação, que traz conteúdos que podem ser trabalhados nas séries iniciais do Ensino fundamental:

**1º série:** Hello: hello, good-bye; Boy, girl, teacher; Colours: green, blue, red, yellow; Brinquedos: carro, boneca, trem, bicicleta; Materiais escolares: livro, lápis, borracha; Família: pai, mãe, irmã, irmão; Animais: cachorro, gato, pato, porco, galinha, coelho, vaca, cavalo; Frutas: laranja, maçã, pera, banana; Café da manhã: pão, manteiga, café, leite, suco; Números: 1 a 5; Partes do corpo: cabeça, olho, nariz, orelha, boca, cabelo; Comandos: sente-se, levante, bata palmas, bata os pés, toque seu nariz, toque sua cabeça; Sentimentos: triste, feliz, cansado, zangado.

**2° série:** Hello; The Family; The house (Living room, kitchen, bathroom, bedroom); The school (the classroom, Art class – colours, Break time- Numbers (1 - 10), Science class – body); The city (the street – means of transportation, The mall – clothes, The supermarket – fruits; The beach; The farm – animals; Celebrations –Easter, Mother’s Day, Father’s Day, Halloween, Christmas.

**3° série:** Apresentação (nome e sobrenome); Qual a sua idade; Partes da casa; Esportes; Lugares; Meios de transporte; Dias da semana; Tipos de comida; Roupas.

**4° série:** Números; Objetos da casa; Pronome pessoal; Caso genitivo; Pronomes possessivos; Características físicas.

**5° série:** Quanto custa; Verbos (ser e estar); Pronomes pessoais; Artigos definidos e indefinidos; Plural e singular; Quem, o que; Sim ou não; Imperativo; Há, existe; Preposição; Meses do ano; Eventos importantes

O maior desafio da Secretaria Municipal de Educação é contratar profissionais capacitados na área. A prioridade é para professores formados em Letras Português-Ínglês, que tiveram na grade a disciplina “Prática de Ensino de Língua Inglesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, assim como pedagogos que se especializaram no ensino de LE.

## Metodologia sociointeracionista

O ser humano, como ser biológico e social, obedece a convenções. Vygotsky

[...] concebe o homem como um ser histórico e produto de um conjunto de relações sociais. Ele se pergunta como os fatores sociais podem modelar a mente e construir o psiquismo e a resposta que apresenta nasce de uma perspectiva semiológica, na qual o signo, como um produto social, tem uma função geradora e organizadora dos processos psicológicos. O autor considera que a consciência é engendrada no social, a partir das relações que os homens estabelecem entre si, por meio de uma atividade sócio-histórica, portanto, pela mediação da linguagem. Os signos são os instrumentos que, agindo internamente no homem, provocam-lhe transformações internas, que o fazem passar de ser biológico a ser sócio-histórico. Não existem signos internos, na consciência, que não tenham sido engendrados na trama ideológica semiótica da sociedade (DAMIANI; NEVES, 2006, p. 06).

Conceber-se como humano é enxergar-se no outro. Bakhtin (1997, p. 35-36), em conformidade com Vygotsky, assevera que “[...] a alteridade define o ser humano, pois o outro é indispensável para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro”. E o indivíduo é influenciado pelo meio: “[...] o centro organizador de toda a enunciação, de toda a expressão não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (BAKHTIN, 1999, p.118).

Tanto o psicólogo quanto o filósofo explicam que fatores sociais podem interferir na linguagem, pois a linguagem não é subjetiva, mas produto do meio

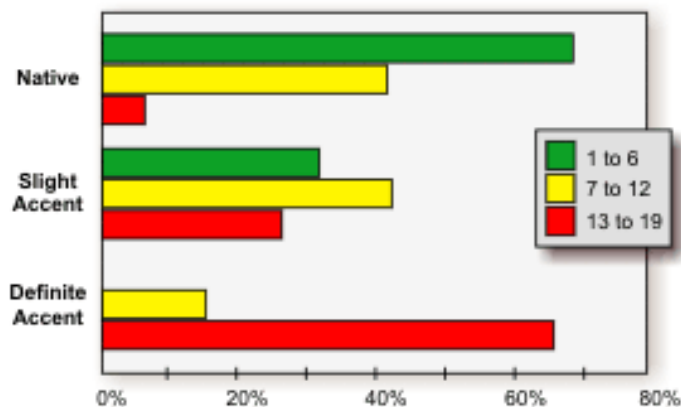
social. Levar em conta esses fatores concede maior segurança ao professor durante o processo de ensino. A criança é um indivíduo, um ser pensante e deve ser tratada como tal, como pessoa inserida em um contexto social. A escola é interacional. É o local onde a criança passa grande parte da vida, interagindo em relações sociais. Ensinar uma língua estrangeira também exige inserir a criança dentro de um contexto da língua, da cultura em que ela predomina, dos modos nos quais essa língua é concebida.

Quando a criança desenvolve a fala, ela está apta a aprender qualquer língua. O idioma adotado pela criança será o dos indivíduos que convivem no mesmo ambiente. Uma criança que nasce na Inglaterra, por exemplo, filho de mãe brasileira e pai inglês, se estimulada, pode ser bilíngue, ou seja, aprenderá duas línguas simultaneamente.

Estudos na área de neurologia descobriram que as sinapses cerebrais são mais intensas até os dez anos de idade. A partir da puberdade, ocorre uma lateralização do cérebro, que se divide em dois hemisférios: o esquerdo, que é o lado lógico, analítico e o direito, onde ficam a criatividade, a sensibilidade à música e as emoções. Na infância, esses dois hemisférios estão interligados; a interação entre eles é “responsável pela facilidade da criança em aprender um segundo idioma”. (LENNEBERG, 1969).

Lenneberg (1969, p. 635) esclarece que o aprendizado começa a ficar mais difícil à medida que as pessoas crescem, e que as limitações ocorrem principalmente na pronúncia, como demonstra o gráfico a seguir:

#### AGE AND LEVEL OF PRONUNCIATION ATTAINED IN ONE YEAR OF IMMERSION



Adapted from Burt, Dulay and Krashen, 1982. Copyright © 2001 S&K

Disponível em: <http://www.sk.com.br/age-pron.gif>

A criança que tem contato com a língua mais cedo mostra melhor aprendizado que o adolescente. E quando falamos em aprendizado, não nos referimos à língua somente em sua estrutura gramatical. O professor deve tomar muito cuidado ao elaborar uma aula para crianças, pois é preciso levar em conta que a gramática flui naturalmente, por isso o ensino deve ser focado na cultura estrangeira, na linguagem, nas situações de fala cotidianas, nas influências da LE (estrangeirismos) em nossa própria cultura.

O aspecto lúdico também deve ser considerado. Segundo Vygotsky,

[...] a brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz. (VYGOTSKY, 1984, p.97):

A ludicidade na sala de aula contribui com papel de desenvolver globalmente a criança. O lúdico insere o aluno em um contexto social e interacional, como explicita Negrine:

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade a motricidade e a sociabilidade são inseparáveis, sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica, moral, intelectual e motriz da criança. (NEGRINE, 1994, p. 19)

Ou seja, a criança deve sentir-se confortável e o ensino deve ser prazeroso. O professor pode utilizar vários mecanismos, como jogos, atividades motoras, trabalhar com a criatividade e com os sentidos.

Para demonstrar como isso pode ser empregado em sala de aula, elencamos algumas estratégias adotadas por alunos do curso de Letras Português–Inglês. Analisamos cada sequência didática constante dos portfólios e apontamos os mecanismos sociointeracionais elegidos pelos acadêmicos.

## Metodologia sociointeracional de ensino: professores em formação

Nas aulas de Prática de Ensino de Língua Inglesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a professora regente pede que os acadêmicos dediquem-se a elaborar um portfólio com dez planos de aula, baseando-se na grade curricular do município de Corumbá-MS. A grade é apresentada no início do semestre e, a partir de todo o conhecimento das teorias de ensino que os alunos adquiriram ao longo do curso de Letras habilitação em Português e Inglês do *Campus* do Pantanal



da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, os planos de aula devem ser preparados levando-se em conta, principalmente, o ensino interacionista.

Analizamos 13 portfólios, cada um com dez sequências de atividades, duas para cada série do Ensino Fundamental I e selecionamos as aulas mais relevantes à nossa pesquisa.

A seguir, comentamos sobre quatro planos de aula e as estratégias interacionistas selecionadas pelos professores em formação.

A primeira aula que listamos foi elaborada por dois acadêmicos no ano de 2016, para alunos do quarto ano do EF. O tema da aula é “Características físicas”, e a metodologia de ensino é a seguinte:

Os alunos estarão dispostos em círculo na sala de aula. Com fotos trazidas pelos alunos, de quando eram bebês, será montado um varal em uma parede da sala. Todos deverão observar bem as fotos e escolher uma (que não seja a sua). Os professores explicam sobre as características físicas das pessoas, suas diferentes cores, tipos físicos, estatura, cor dos olhos e cabelos. São fixadas no quadro algumas palavras com essas características. Os alunos fazem a sua própria descrição, usando frases como “*I’m slim*”; “*I have blue eyes*”, etc. Depois, com a foto em mãos, deve descrever a criança e tentar descobrir quem é o colega da fotografia. Dispostos em dois grupos, os alunos jogam o jogo Cara a Cara, com revezamento dos participantes. Em outra atividade, em cada criança é fixada a fotografia de alguma pessoa famosa nas costas. Ela tem que tentar adivinhar quem é, pelas informações obtidas com os colegas. Devem iniciar com a pergunta “*Who am I?*” e os colegas respondem “*You are a young person.*”; “*You have blue eyes*”, etc. São designadas tarefas para sala e como dever de casa. Leremos tirinhas em inglês que abordam o tema e os alunos deverão criar outras, preenchendo balões em branco.

Apontamos como pertinente o fato de pedir que os alunos se sentem em círculo. Essa disposição traz muitos benefícios para o professor e também para os alunos. O professor tem uma visão ampla de todos os presentes, é visto por todos, e pode interagir com eles de forma mais aproximada. Os alunos têm uma visão ampla de toda a sala, dos colegas, do professor, do quadro. Podem olhar nos olhos dos colegas e interagir melhor com todos. “Quebrar” o enfileiramento das carteiras já mostra que aquela aula é especial, traz algo diferente, não é a mesma monotonia de sempre.

Os professores sugerem um trabalho que envolve a vida particular de cada um. Os alunos trazem fatos da sua vida para a sala de aula, podem conhecer o passado de seus colegas, sua primeira infância, comentar sobre quando eram pequenos. Além disso, em nenhum momento o professor lista as características e fica repetindo até que o aluno memorize. A memorização das palavras acontece de forma natural, através da interação que os alunos têm uns com os outros na atividade. A atividade de descrever o colega mostra que o convívio faz com que eles se conheçam e saibam identificar cada um através de suas particularidades.

A aula a seguir foi elaborada no ano de 2017, pensando nos alunos do segundo ano, com o tema “A família”:

Com os alunos sentados no chão, em roda, o professor mostra figuras de famílias (de desenhos animados, recortes de revista, etc), chamando a atenção para o fato de existirem várias formações de famílias, e verifica com quais modelos as crianças se identificam. Com o uso de fantoches, os professores introduzem o vocabulário, que deve ser repetido por todos. Cada aluno fala sobre a sua família, por intermédio dos fantoches, trabalhando em pares, usando as frases como modelo: “*How is your Family?*”, “*This is my father*”. Cada criança deve fazer um desenho sobre sua família e apresentar para a turma, usando frases como: “*This is my mother Clara*”. Os colegas podem fazer perguntas como “*How many brothers do you have?*”. São confeccionados dedoches de cada família em sala de aula e, no final, cantamos juntos a música “*Finger Family*”.

Novamente utiliza-se o método de dispor os alunos sentados em um círculo, para haver maior interação. As professoras também iniciam a aula demonstrando o tema de que querem tratar, sem compor uma lista de memorização por escrito. Além de dizer os nomes dos membros da família em inglês, elas dão destaque ao fato de haver diferentes tipos de famílias. Isso é muito relevante para que todos os alunos se identifiquem com o tema, pois em uma sala de aula, nem todos os alunos possuem uma família dita como tradicional (formada por pai, mãe e irmãos).

O vocabulário é trabalhado com os fantoches por meio da repetição, valorizando a oralidade. Os alunos associam os fantoches aos membros de suas famílias, fazendo uso não só do vocabulário tema, como também aprendem a fazer perguntas utilizando *How, What, Who...*, tudo dentro de um contexto de interação e também de diversão, em que criança aprenderá brincando.

A terceira aula que elencamos foi pensada por acadêmicos do curso no ano de 2016 e foi transcrita em tópicos por três professores em formações. Destina-se a alunos do primeiro ano do ensino fundamental e tem como tema “Frutas”:

- Mostrar e nomear as frutas para os alunos;
- Perguntar quais delas eles conhecem e costumam consumir e de quais sabem o nome em inglês;
- Introduzir o vocabulário apresentando frutas reais;
- Utilizar as frutas para verificar com os alunos as texturas, sabores e cores, revisando conteúdos anteriores;
- Fazer uma degustação às cegas, para que os alunos toquem, provem e identifiquem as frutas, utilizando o novo vocabulário;

Os professores começam a aula demonstrando as frutas aos alunos, levando em conta o conhecimento prévio. Alguns alunos podem conhecer o nome de algumas frutas em inglês (mesmo com a pronúncia errada) e compartilhar com os colegas. Usam as frutas para que os alunos toquem, sintam o cheiro, vejam as cores e provem, trabalhando os sentidos para que o aluno seja inserido no universo das frutas dentro da aula. Trabalham o vocabulário por meio da degustação, para

que o aluno pratique o novo vocabulário. Por meio dessa degustação, a interação ocorre entre todos os alunos que, esperando sua vez, podem dar dicas, dizer se errou ou acertou, além da diversão que será observar as caras e bocas dos colegas.

Essa última aula foi elaborada por esta pesquisadora no ano de 2017. Utilizei como tema “Comidas saudáveis e não saudáveis”, também proposto na grade municipal de Corumbá e foi pensada para alunos do terceiro ano do ensino fundamental:

Conhecimento prévio: é necessário que os alunos já tenham estudado nomes de alimentos comuns. Na aula anterior a esta, a professora deve pedir aos alunos que levem revistas, cola, tesoura e cartolina.

A professora inicia a aula mostrando a figura em anexo (com vários alimentos de *fast food*), lê e comenta o texto e pergunta aos alunos o que eles entendem sobre *junk food*. Após as respostas, a professora explica o que são essas comidas e pergunta aos alunos o que elas podem fazer ao corpo de quem as consome (utilizando a pergunta “*What happens to your body if you eat too much salt*”, trocando por outros alimentos saudáveis e não saudáveis), orientando as respostas dos estudantes. Depois, a professora comenta sobre hábitos alimentares saudáveis.

A atividade final é de colagem com as revistas. A turma deve fazer cartazes com a dualidade “*Health food x Junk food*”. Os alunos recortam figuras de alimentos que encontrarem nas revistas e colam na coluna equivalente. Abaixo das figuras, podem escrever o que cada tipo de alimento proporciona ao corpo, como “*many calories, headache, stomachache*”, etc, para as não saudáveis e “*quality of life, more energy*”, etc, para as saudáveis. Os cartazes podem ser expostos no mural da escola.

Nesta aula será trabalhado um tema transversal: o consumo exagerado de *junk food*. Todos os alunos conhecem e gostam desse tipo de alimento, então a ideia central é trazer uma consciência crítica acerca do que esses alimentos podem fazer com a vida de alguém. A aula começa com uma discussão sobre o tema.

A interação dos alunos ocorre com as discussões sobre o que se considera saudável e com o consenso de que eles até podem consumir esses alimentos, desde que tenham consciência de que o exagero faz mal à saúde. Para terminar e ainda tentar trazer consciência para os outros alunos da escola, os alunos exibem, orgulhosos, os seus trabalhos em cartazes no mural da escola.

## Considerações finais

O MEC prevê para os terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:

A aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da(s) cultura(s) estrangeira(s). (BRASIL, 1998, p. 37)

Adaptando à realidade de crianças do Ensino Fundamental I, podemos incluir, além da “apreciação dos costumes e valores” (BRASIL, 1998, p. 37), a ludicidade. O papel do professor que lida diariamente com crianças é promover um espaço de cultura, prazer e aprendizado, unidos em um só lugar.

Trabalhar com crianças é um grande desafio. Os pequenos possuem um nível de curiosidade muito maior do que os adolescentes e adultos. Trazer para a sala de aula atividades que desafiem a imaginação e que fujam do tradicional ensino de gramática não só desperta ainda mais a curiosidade para o novo idioma, como também mostra que eles podem aprender inglês na sala de aula.

A disciplina que prepara os professores de inglês para atender as crianças do Ensino Fundamental I, é essencial para que o principal foco seja atingido: fazer com que o ensino seja eficaz. Saber que a criança precisa de atenção especial e de aulas que focam em todo um contexto social, faz com que o professor tenha consciência de que cada aula, em cada série e com cada criança seja única, que a aula pode (e deve!) fugir do convencional e ser uma grande brincadeira.

O principal foco da disciplina “Prática de Ensino de Língua Inglesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental” é mostrar ao professor que ele é capaz de pensar na criança e se esmerar para que a língua estrangeira seja inserida no contexto infantil, para fazer com que a criança aprenda de forma prazerosa e que o aprendizado se una ao brincar, porque

O ato de brincar possibilita o processo de aprendizagem da criança, pois facilita a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade, estabelecendo, desta forma, uma relação estreita entre jogo e aprendizagem. (FANTACHOLI, 2011, p. 2).

A disciplina “Prática de Ensino de Língua Inglesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, passou a fazer parte da grade curricular do curso de Letras habilitação em Português e Inglês do *Campus* do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul a partir do ano de 2016. Mesmo sendo nova, a disciplina tem alcançado bons resultados preparando os novos profissionais, como podemos perceber nas aulas expostas. Os professores que recebem esse treinamento terão mais autonomia e segurança para promover a ludicidade e um ensino de qualidade.

## Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRASIL. Lei no 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. *Diário oficial [da] República Federativa do Brasil*, 1971.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. *Diário oficial [da] República Federativa do Brasil*, 1996.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília, DF: MEC, 1998.

DAMIANI, Magda Floriani; NEVES, Rita de Araújo. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. *UNIrevista*. Vol. 1, n. 2, p. 01-10, abril-2006. Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/Educadores/Artigos/PDF/vygotsky.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2017.

FANTACHOLI, Fabiane das Neves. *O brincar na educação infantil: jogos, brinquedos e brincadeiras; um olhar psicopedagógico*. Disponível em: <<http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=78>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas*, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

LENNEBERG, Eric H. On Explaining Language. *Science, New Series*, Vol. 164, No. 3880. (May 9, 1969), pp. 635-643. Disponível em: <[http://www.biolingua.com/ling\\_cog\\_cult/lenneberg\\_1969\\_on\\_explaining\\_language.pdf](http://www.biolingua.com/ling_cog_cult/lenneberg_1969_on_explaining_language.pdf)>. Acesso em: 23 jun. 2017.

NEGRINE, Airton. *Aprendizagem e desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Propil, 1994.

SIMÕES, Karen Silva. *Os desafios na formação de professores de língua inglesa para os anos iniciais do ensino fundamental em Corumbá – MS*. Artigo Científico de Trabalho de Conclusão de Curso. Corumbá: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.